



fundação podemos
política para todos

Entrevista **COM MILENA CURADO "CABOCLA CRIAÇÕES"**



Fundação Podemos: Você é da cidade de Goiás Velho, que é considerado um Patrimônio Histórico Mundial, certo? Queria que você falasse um pouco sobre a relação dos bordados, dos tecidos, das cores e frases que marcam o trabalho do cabocla e a ligação com a cultura regional de Goiás Velho. Qual é a importância de manter a herança histórico-cultural região? Se você pudesse comentar um pouco sobre sua percepção da relevância de ações de incentivo e valorização da cultura em projetos políticos.

Então, eu sou da cidade de Goiás que é um Patrimônio Histórico Mundial, eu amo minha cidade, nós que nascemos aqui somos vila-bonenses. Tenho muito orgulho disso. Vejo que para mim, estar em Goiás faz toda a diferença dentro do meu trabalho, por ter essa referência direta com a cultura forte da cidade. Temos vários artistas regionais que nos consagram, como Cora Coralina e Octo Marques. Muitos olhares se voltam para Goiás. Estamos em uma cidade pequena no meio do centro-oeste, mas não estamos esquecidos. Então, eu não sou de grandes centros, acho que talvez em grandes centros têm mais possibilidades. Mas para mim, o fato de estar inserida nesse contexto de Goiás é maravilhoso.

A partir de Goiás começa toda a minha história. Minha avó, de família tradicional, mãe de 14 filhos, era daquelas mulheres que tinha que saber bordar, tocar piano, costurar, pois isso era ensinado nas

escolas. Minha avó sempre bordou, mas não como profissão. Eu sempre convivi com ela nesse mundo do bordado, ligada a manualidades, sempre gostei de artesanato, frequentei a escola de artes plásticas Veiga Vale. Aprendi a bordar com 8 anos e cresci nesse meio. Também me formei em Gestão Pública e depois disso, comecei a fazer alguns trabalhos muito burocráticos. Em 2007 estava trabalhando em um cartório de registro de imóveis e eu não dava conta daquele serviço. Aí resolvi fazer uma proposta para minha mãe e minha avó para que fizéssemos uma produção de moda artesanal, resgatando esse bordado antigo da minha avó que também é uma cultura do Brasil.

Começamos então a fazer essa produção de moda artesanal e quando comecei pensei, poxa o que eu vou representar nas nossas peças? Foi quando tive a sacada de representar a nossa iconografia. Então por estar inserida nesse contexto, eu usei – e uso – como referências as flores do cerrado, as poesias de Cora Coralina, os nossos casarios, e aí deu certo. A leitura que eu faço é assim: quando viajo, quero trazer alguma coisa do local visitado. Então para mim não fazia sentido produzir algo que não tivesse a identidade de Goiás. Por isso eu digo que para mim foi importante estar aqui, pois a nossa referência é forte e eu tinha tudo aqui. Eu saio para trabalhar e passo pelo Largo do Chafariz. A cidade é linda. Então isso tudo nos inspira, todo o contexto que nos cerca e que pulsa o tempo todo.

Eu comecei fazendo essa produção paralela ao meu serviço. A princípio eu e minha mãe costumávamos e eu, minha

mãe e avó bordávamos. Eu sempre gostei de moda, aprendi a costurar sozinha. Também comecei a fazer os desenhos. Como frequentei a escola de artes plásticas, sempre trabalhei com pinturas, cores e desenhos, então para mim não havia dificuldades. Até hoje eu não trabalho com matriz de desenhos. Minhas peças são feitas à mão, uma a uma. Com isso eu tenho toda a liberdade de criação, não consigo trabalhar em uma coisa engessada. Conseguimos criar peças únicas com isso. A princípio eu coloquei a produção em uma loja de uma amiga, e como deu certo, tomei coragem e no final de 2007 eu pedi demissão e resolvi investir no meu negócio.

Começamos a vender e eu acho que faz toda a diferença o próprio artesão vender seu produto. Sempre estive na linha de frente, atendendo os clientes também. Crescemos e não estávamos mais dando conta de produzir todo o bordado sozinhas. Como é tudo feito à mão, tem vestidos que levam 5-10 dias para serem bordados. Sempre tive uma parceria com o Sebrae e na época havia participado de uma feira em Caldas Novas e lá conheci uma moça que desenvolvia um trabalho de bijuteria reciclada em Goiânia. Conversamos, e partir disso identifiquei que aqui, em Goiás, havia uma cela feminina com 5 mulheres presas. Fui até o presídios e fiz uma proposta de parceria com essas mulheres presas, que aceitaram na hora, porque elas tinham tempo ocioso.

Em janeiro de 2008, eu e minha mãe fomos para a cadeia e realizamos uma oficina de bordado. Passamos a tarde com essas mulheres. Logo que elas aprenderam a

bordar, passamos as peças e eu comecei a pagar por produção. Logo depois nosso projeto foi reconhecido como remissão de pena, então para essas mulheres, a cada 3 dias de trabalho, um dia a menos na cadeia. Foi interessante que dessas 5 mulheres, 2 haviam sido presas com os maridos. Nos dias de domingo, dia de visita íntima, elas ensinaram os maridos a bordar. Então os homens se inseriram no projeto, para mim foi uma grata surpresa. Eu jamais imaginei que homens encarcerados gostariam de bordar vestidos de flores e poesia. Para mim foi maravilhoso essa adesão deles, e eles se tornaram multiplicadores. Eu nunca ensinei um homem na cadeia a bordar, eles foram ensinando aos companheiros de cela.

Nesse ano, após o início da pandemia, foi aberto um presídio feminino aqui próximo, em uma cidade chamada Araçu, e as mulheres que estavam aqui, foram transferidas. Então hoje o projeto continua apenas com homens. Eles amam o bordado, fazem fila para aprender a bordar. Infelizmente não conseguimos atender todos, pois fazemos o pagamento à vista, conforme produção. Mas temos uma lista de espera. Além disso, temos alguns casos de pessoas que saíram e que estão trabalhando conosco aqui fora, são 3 casos assim atualmente. Um com uma ex-presidiária que já cumpriu pena e que continua nossa parceira; um com um homem que está em prisão domiciliar; e um que está em regime semiaberto, precisaria dormir na cadeia, mas com a pandemia está em casa e continua bordando de casa. São esses os presos que saíram. Alguns saíram também mas voltaram para suas regiões também.

Ontem estive na cadeia, retomei o projeto essa semana, e hoje estamos com 20 pessoas, dessas pessoas são 20 homens que continuam com esse trabalho e conforme vão saindo, vamos colocando outras pessoas.

É maravilhoso porque eu falo que esse trabalho vai além do que nós esperamos. É uma terapia também, temos exemplos de mudanças de comportamento, eles compartilham um aprendizado. Com a questão de um ensinar ao outro, eles se tornam mais parceiros dentro do presídio. Eu tenho uma amiga da pastoral carcerária que fala que através do Projeto Cabocla, conseguimos levar para as cadeias tudo o que não têm: flor, cor e poesia. Quando falamos da poesia de Cora Coralina, que é maravilhosa, vemos que às vezes o preso não sabe ler, mas ele lê a poesia através do bordado.

Hoje, até pegando o gancho da poesia de Cora, temos uma parceria muito legal. Dentro da Cabocla Criações todas as peças que são vendidas que contém fragmentos da poesia de Cora Coralina, parte da venda é revertida para o museu. A gente acaba contribuindo para a manutenção do museu, entendo isso como valorização da obra de Cora. Não é só pegar e utilizar, mas valorizar realmente isso. Temos todo o cuidado com isso. Hoje muita coisa aparece no google afirmando autoria de Cora, mas que não é dela. Tenho a obra completa de Cora e sempre recorro aos livros para tratar o trabalho com muita seriedade e muito respeito à poetisa. Junto ao museu casa de Cora, temos também algumas peças que são vendidas lá.

Ele é um projeto que atende a uma expectativa muito maior do que ao trabalho em si. Esses presos eles se sentem valorizados e temos alguns casos de apoio de reinserção no mercado de trabalho. Para concluir essa parte dos benefícios do projeto, a gente sempre ouve os presos. Outro dia um preso falou assim: “quando a gente está aqui fora, falamos, tá nervoso? vai pescar. Dentro da cadeia, falamos, está nervoso? vai bordar”. O preso senta, pega o bordado e realmente tem uma transformação de sentimento, porque o bordado é muito intrínseco. A pessoa volta para si, é ele com o pano, com a linha, com a cor. Eu digo que para eles, tudo é importante, ali têm presidiários que estão no projeto pela remissão, pelo dinheiro ou simplesmente pela terapia. Isso é muito bacana.

Fundação Podemos: É muito bonito pensar na transferência dessa herança cultural que vem da sua região e da sua família para um contexto muito maior, que é o próprio sistema carcerário. Sobre esse ponto, o que te motivou a procurar uma parceria para trabalhar junto com pessoas encarceradas? Quais são as dificuldades e também as vantagens que você encontrou com essa parceria? Se você puder comentar também sobre quem são essas pessoas, por quais delitos elas estão lá.

Na verdade, quando comecei com essa proposta, estávamos apertadas com o trabalho, não conseguíamos mais bordar

e a produção já estava lenta. Quando conheci aquela pessoa em Caldas Novas me deu o “start” de pensar, poxa, presidiários têm tempo. Isso porque qual é o maior problema do bordado? É dedicação de tempo. A pessoa tem que gostar e tem que ter tempo para dedicar ao bordado. Uma pessoa inquieta não consegue bordar, pois você fica ali bordando por horas e horas. Então o que me levou foi isso, são pessoas que têm tempo e que não têm oportunidade, então juntei o útil ao agradável. Pensei que se eu conseguisse essa parceria, eles teriam todos os benefícios.

Para mim, foi maravilhoso e só confirmou a questão do compromisso deles. São pessoas que não têm nada para fazer e são super comprometidos com o trabalho. Conseguimos ter uma produção super legal e nunca me deixaram na mão. Talvez se eu tivesse feito uma parceria com pessoas que estão aqui fora não tivesse dado certo, a vida aqui fora é uma loucura, acontece um monte de coisa. Talvez eu teria esse vácuo. Lá, eu sabia que teria pessoas comprometidas e sabia que teria pessoas que não tinham oportunidade. Eles são super responsáveis. Eu brinco que o vestido vai para lá branco e volta branco. Um preso já me disse que lava a mão antes de pegar o bordado. Eles têm muito respeito pelo trabalho. Eu fui descobrindo isso aos poucos, porque quando comecei, há 12 anos atrás, era tudo muito novo. Era uma proposta que eu não sabia o que ia dar e realmente foi um sucesso. Em janeiro comemoramos 13 anos de um trabalho ininterrupto.

A minha ideia a princípio foi essa, juntar a minha necessidade com uma necessidade que estava ali. Ninguém quer lidar com preso. As pessoas têm muito medo. Fui julgada no início, pessoas me perguntando porque você quer mexer com preso? Para mim nossa relação é maravilhosa. Essa semana eu retornei à cadeia e saí de lá pensando como eu gosto, é um local que eu me sinto em casa. Eles me tratam com muito respeito e quando eu chego na cadeia parece uma festa. Principalmente nesse período que eu fiquei sumida por um tempo. A gente têm muito respeito, nunca passei nenhuma situação constrangedora.

A gente acaba sabendo alguns crimes cometidos, mas não todos. Também não caberia a mim saber. A gente não utiliza nenhum critério para que o preso seja inserido, na verdade eles mesmos vão se inserindo. Como eu te falei, temos uma lista de espera. Quando eu chego lá, todo mundo quer entrar no projeto. Eu falo “gente eu não dou conta, não posso colocar todo mundo”. Aí eles mesmos fazem essa lista de espera, que nem a direção interfere. Não tem isso de trabalhar só com preso de melhor comportamento. O que acontece é que de vez em quando um preso entra de castigo e quando ele está de castigo, não borda. Aí o bordado dele acaba ficando para outro. Eles sempre querem mais do que eu consigo repassar, em termo de quantidade de trabalho. Então não cabe a mim, não estou em condições de julgar, para mim são pessoas. Não vejo nem como pessoas que cometeram um crime.

Para mim eles são grandes parceiros, temos uma relação muito legal, de muito respeito. Nosso grande resultado de sucesso é esse, um projeto acontecer por 12 anos sem interrupção.

Eu não tenho apoio de governo, não faço captação de recurso. Todo o dinheiro que movimento o projeto é dinheiro de vendas. Já tive propostas mas nunca quis envolver. O Estado faz o seu papel e eu faço o meu papel como empreendedora social e assim funciona, não dependemos de nada. Produzo conforme demanda. Para mim, ter essa autonomia e poder conduzir o negócio do jeito que acredito é maravilhoso.

Hoje nossas peças são reconhecidas, 80% dos nossos clientes são clientes de retorno. Ontem mesmo tive uma cliente que havia comprado cabocla há muitos anos atrás e voltou para comprar de novo. Clientes me mandam foto de vestidos antigos e em perfeito estado. Isso porque eu trabalho com algodão e com viscose, dentro da minha loja não entra tecido sintético, não entra plástico. Precisamos valorizar a fibra. Por conta disso a durabilidade. Não poluímos o ambiente também. É uma peça que dificilmente vai ser descartada, mas mesmo se for, vai cumprir todo o ciclo do produto, em respeito ao meio ambiente. São peças também com uma forte identidade visual. Nunca fui de seguir tendência, mas de fazer o que gosto. Então hoje nossas peças são reconhecidas, onde ela estiver, que conhece a marca, identifica como cabocla. Nosso diferencial não é o ponto

de bordado, mas o design que é feito, o desenho feito por mim em cada peça.

Fundação Podemos: Você havia comentado que no início, a ideia do projeto era trabalhar com mulheres encarceradas, e com o tempo isso foi mudando e hoje em dia vocês trabalham com homens presos. Fazendo um recorte de gênero aqui, no caso das mulheres em cárcere, a gente sabe que tem uma imensa dificuldade em relação à questões relacionadas a maternidade, violência, etc. Queria que você desse sua visão sobre isso, já que esteve tão próxima desse cenário.

Na verdade, quando elas são presas existem vários casos, até em questão de apoio da família. Tem mulheres que têm o apoio da família, que não as abandona, e têm mulheres que são totalmente abandonadas. Eu já vi em várias situações que a questão do dinheiro para elas é determinante para a vida dentro da cadeia. Isso permite que elas cumpram com necessidades básicas. Não é porque elas estão ali que elas não tem as suas necessidades. O sistema oferece "casa" e comida. Teve um dia que foi até engraçado, em que eu fiz um pagamento e elas estavam com uma lista de produtos de beleza para comprar. São necessidades que, às vezes, não imaginamos que elas querem aquilo quando estão dentro da cadeia. Mesmo em situações de cárcere, elas querem se sentir bonitas, elas têm a vaidade delas e querem estar cuidadas.

A questão do projeto, nesse sentido, do dinheiro, permite que elas tenham uma vida melhor dentro do cárcere, o que é fundamental. Depois que elas saem do cárcere, é complicado porque **a sociedade não está preparada para receber o preso**. Vi uma fala de uma pessoa do governo que concordo muito, que é **“quando você não contribui para a reinserção, automaticamente você contribui para o crime”**. Eu percebo muito isso.

Tem um caso de uma ex-presidiária, que já cumpriu a pena, mas que continua vinculada ao projeto. Quando o crime acontece, a pessoa pode vir de outro lugar, mas paga cadeia aqui. Então ela era de um outro estado e não conhecia ninguém. Nós estreitamos relações, pois é um convívio semanal. A única referência que ela tem fora da cadeia sou eu, a única pessoa que ela conhece fora da cadeia. Ela saiu da cadeia e me procurou, continuou vinculada ao projeto e continuou bordando aqui fora. Depois ela foi embora, ficou foragida por um tempo. Após 5 anos, ela veio me procurar para continuar com o projeto e continuar cumprindo a pena. O crime dela era tráfico e ela queria acertar a dívida dela com a justiça. Isso mudou muito meu olhar para essa pessoa, essa mulher. Ela voltou, se apresentou e foi detida para terminar de cumprir a pena. A gente continuou inserindo ela no projeto. Quando ela saiu de novo, voltamos para o mesmo problema, não conhecia ninguém e ninguém queria dar emprego. Eu trouxe ela para trabalhar comigo na loja e ela ficou mais de dois anos, com

carteira assinada, fazendo atendimentos na linha de frente. Ela sempre me falava que se não fosse eu, ela teria que voltar para o crime.

Eu faço essa crítica para a justiça. Eles pegam essas pessoas, vou citar de novo esse exemplo, ela não é daqui e não conhece a região, não tem nenhuma chance, sai do regime fechado e vai para o regime semiaberto, em que precisa dormir na cadeia. Ela não pode ir embora da cidade. Então ela falava para mim “é melhor eu ficar presa”. Ela chegou inclusive a propor para o promotor para terminar de pagar a pena dela presa. Lá dentro não haviam despesas. Aqui fora ela não pode ir embora para sua cidade natal e ninguém quer ajudar. Nós assumimos esse compromisso de dois anos com ela, contratei ela para substituir o cargo da minha filha, que saíra para um intercâmbio.

Com a volta da minha filha e com a pandemia, tive que dar baixa na carteira dela, mas ela continua vinculada ao projeto, continua bordando e sendo parceira. Toda semana nos encontramos. Esse é mais um caso em que, se não fosse o apoio do projeto, essa pessoa não teria ninguém aqui fora, e talvez teria voltado para o crime. Para se manter na cidade, teria que voltar para o crime ou ficar foragida e voltar para sua cidade. Hoje ela está em um estágio bem avançado com a justiça, ela só precisa assinar, ir no fórum e declarar onde mora e trabalha de 3 em 3 meses.

Tem um caso também de um ex-presidiário que recebeu nosso apoio e sempre foi muito parceiro do projeto. Quando iniciei as oficinas, ele me ajudou a coordenar junto às celas. Quando ele saiu, ficamos ainda super amigos, ele dá depoimentos do projeto como participante e não tem problema em contar sua história. Ano passado, fiquei sabendo de uma vaga de emprego para ex-presidiário no fórum de Goiás. Eu conversei com a juíza e indiquei o nome dele. Hoje ele trabalha no fórum, alocado no museu do judiciário, onde também temos uma exposição do projeto cabocla. É muito legal poder dar essa oportunidade. E para mim, enquanto empreendedora, poder ter essa exposição lá, e uma pessoa trabalhando que está dentro do contexto. Hoje ele tem muito orgulho de trabalhar no museu do judiciário.

A gente consegue inverter a situação das pessoas, posicionar elas de maneira diferente e eles se sentem vitoriosos. Não são todos que têm essa oportunidade, mas são muitos casos em que tivemos que dar esse apoio de início. Quero deixar claro que meu compromisso hoje, sempre foi não atender quem está fora da cadeia, mas atender quem está dentro da cadeia. Só que não tem como, nos envolvemos, somos humanos, criamos relações, e a gente acaba ficando amigos. Em alguns casos eu continuo dando atendimento e continuamos dando apoio. É legal que a justiça já reconheceu essa extensão do projeto cabocla aqui fora. Eles continuam com a remissão de pena. Temos uma comunicação muito legal com a justiça,

eles validam muito nosso trabalho. É um trabalho sério, que acontece de verdade, todos que estão envolvidos merecem esse respeito e merecem colher os benefícios dessa proposta. Não dá para ser totalmente imparcial e dizer “meu trabalho é lá dentro e ponto”, então em alguns casos a gente continua com esse atendimento aqui fora também.

Fundação Podemos: Na questão da ressocialização, sabemos que falta muito apoio para as pessoas que saem do cárcere, em termos de estruturas, políticas públicas e o estigma social que paira. Você poderia comentar mais sobre isso? A gente sabe que nossa sociedade tem um déficit muito grande em enxergar essas pessoas como sujeitos. Nesse sentido também, qual é a relação dos clientes que ainda não conhecem o projeto, ao descobrirem que os bordados são feitos por presidiários?

A nossa loja está no centro histórico, na porta externa já coloquei uma placa informando que a gente desenvolve um projeto social com presidiários. Eu comunico isso o tempo todo. Dentro da loja, tenho também uma galeria de fotos do trabalho sendo executado dentro das prisões, tenho a oração do presidiário, um painel bordado do escrito de Cora Coralina. Na tag também, falamos do projetos. Todos que chegam na loja, apresentamos o projeto. O que eu percebo, é que as pessoas não querem se envolver diretamente, mas compram

para contribuir. Então nunca temos uma pessoa que deixou de comprar por ser feita por presidiários. Muito pelo contrário, percebo que vendemos mais quando falamos disso. Realmente, elas entendem que ao comprar, estão contribuindo com o projeto. Não querem ir para dentro das cadeias, mas contribuem. Eu percebo que essa aceitação é muito grande. Quando eu falo que é feito por homens, as clientes ficam mais admiradas ainda, porque não acreditam que um trabalho tão delicado possa ser feito por homens encarcerados. A gente tem o nosso pré-julgamento, né? Eu mesma tive, jamais imaginei que eles queriam bordar. Para gente é maravilhoso esse retorno.

A princípio, lá em 2008 eu não falava do projeto, achava que as pessoas não iam entender. Mas quando comecei, não existia o termo projeto social, eu não tinha noção, para mim era uma parceria mesmo. Hoje em dia, isso está muito em voga, a noção de que um trabalho social dá uma referência maior, traz um diferencial na marca. Eu, quando comecei, não existia. Um dia uma amiga minha me disse que eu desenvolvia um trabalho social por trabalhar com presos. Eu não sabia. Não tenho vergonha de dizer que comecei por intuição, vontade e querer fazer. Não foi por desenvolver um know-how e fazer as pessoas olharem para minha peça diferente. Há 13 anos atrás, isso não era falado. Quando eu comecei a falar, vi que as pessoas gostam de saber da história. Aí comecei a fazer material de divulgação contando isso. Não intencional, a princípio. As coisas foram acontecendo.

Sobre as políticas públicas, não existem. Outro dia, encontrei com uma presidiária que saiu, na porta da cadeia, e me disse que estava na rua. Convidei ela para ir para a loja, passar a tarde lá, bordando, pelo menos na loja temos um cafezinho, alguma coisa. Nesse dia, eu fui até o promotor e falei para ele que precisamos montar um albergue para receber esses presidiários, pois muitos não são daqui. São pessoas que não são assistidas hora nenhuma. Tivemos que tirar essa menina da rua, levamos ela para casa de uma moça que está conosco no projeto. Falei para o promotor que estava dando apoio a ela, mas enfim, foi uma pessoa que voltou para o crime, não teve jeito. Não dá para nivelar também, dizer que todos voltam para o crime porque não têm oportunidade. Tem gente que vai querer continuar ficar no crime.

Ontem mesmo estive na cadeia e vi um preso que tinha sido solto antes da pandemia, mas voltou e me pediu para recolocá-lo no projeto. Mas ele teve que entrar na fila de espera e a vaga ficou para outra pessoa que havia entrado no projeto. Têm situações que também não podemos ser maleáveis. Eu sou realista, percebo que existem pessoas que voltam para o crime porque não têm oportunidade e pessoas que infelizmente são do crime. Eu já ouvi de preso que gosta de ficar na cadeia. Lá, é incrível, mas eles acostumam com aquela vida, aprendem a viver encarcerados. Quando saem, tem até dificuldades de convívio. Mas o apoio aqui fora é zero, pelo menos aqui em Goiás, não temos nenhuma

política pública. Muito pelo contrário, ninguém quer dar oportunidade para o preso. Eu já consegui emprego para presidiários, mas com pessoas que são muito sensíveis à causa, e também não é qualquer crime que é fácil de indicar, porque as pessoas julgam. Em alguns casos que vejo que a pessoa realmente quer mudar, eu não deixo de dar a mão, pois sei que esse apoio vai fazer a toda a diferença na vida dela. Em alguns casos, a gente acaba quebrando a cara, mas isso também não faz a gente desanimar, de acreditar no ser humano, acreditar que ele pode mudar. Aí a gente segue acreditando, até que prove o contrário, somos otimistas a causa.

Na questão da profissionalização, muitas pessoas me perguntam, mas em 12 anos eu nunca vi um preso que continua bordando sozinho depois de sair. Somos realistas, eu vejo o nosso trabalho hoje bem pontual, dentro da cadeia. Em alguns casos específicos são esses, que continuam comigo e também por um tempo, depois ele segue seu caminho. O que eu critico, a grande falha do sistema, é a não profissionalização. Meu trabalho lá dentro é paliativo, enquanto o preso está preso é maravilhoso, ele tem o dinheiro dele, tem a remissão, a terapia, está passando o tempo bordando. Mas um preso, homem, ao sair, vai montar uma produção de bordado? Não vai. Não é simples assim, como eu disse, os pontos que eles trabalham são dois pontos básicos, o diferencial é o meu design. Não estou dizendo que a pessoa não tem capacidade de criação, mas precisa ser

desenvolvido, precisa querer. Depois que eles saem, cada um tem o seu caminho, não tenho um caso de um preso que montou sua própria produção de bordado e que deu certo. Preciso honrar o que acontece de fato. Jogo essa bola para o governo, acho que a gente consegue atender enquanto eles estão lá dentro. Mas a grande falha é do sistema, que não qualifica essas pessoas.

Tem um caso que eu cito, de um adolescente que foi preso porque tinha matado um teiú, um animal aqui do cerrado, foi preso por crime ambiental. Um menino negro, pobre, ninguém conseguiu tirar ele da cadeia, porque ele não tinha recursos. Enquanto ele estava lá, se envolveu em todos os crimes e hoje o processo dele é gigante. O sistema ensinou ele a ser bandido, ele não era bandido. Ele matou um animal, talvez seria para comer. É um animal que a gente come aqui, é um lagarto. Essa história é muito comentada dentro da cadeia, porque realmente ele foi preso por crime ambiental, poderia ter tido uma vida diferente, mas dentro da cadeia se envolveu em todas as confusões, e tem anos de cadeia para pagar. Ele é um dos mais antigos do projeto. O sistema é todo falho. Mesmo a gente não conseguindo fazer essa transformação completa na vida das pessoas, acredito que a gente contribui, dentro do que podemos. O grande diferencial é tentar fazer com que a vida deles, enquanto estão ali, não seja tão injusta, tão triste. Poder dar essa oportunidade, levando essa transformação pontual.

Outro dia ouvi de um preso que o único momento que ele não sente que está na cadeia, é quando está bordando, porque a cabeça vai para outro lugar. Então só de proporcionar esses pequenos momentos, acredito que alivia muito o período deles. A tristeza do cárcere não é fácil. Eu que frequento, sei o quanto é difícil aquela vida, aquela realidade. Pelo menos estamos levando uma coisinha boa, que alivia o sofrimento ali, porque se fomos esperar do sistema, nada acontece.

Fundação Podemos: Queria te perguntar também em relação ao atual período que estamos vivendo, de pandemia. Como foi e como está sendo levar um negócio frente a esse período? Em sua opinião como foi a gestão econômica e social do governo nesse período? Você sente que teve suporte aos pequenos empreendedores?

Para mim foi um susto muito grande. Não estava esperando, parecia muito distante. Uma amiga minha foi na loja com outra pessoa e me contou depois que essa pessoa esteve perto de outros que tiveram covid. Assustei muito e resolvi fechar a loja naquele dia, antes mesmo de sair do decreto do governador. Estávamos com muito medo, não sabia se estava infectada. Fiquei com tudo parado por 40 dias.

Quando surgiu a história das máscaras, comecei a fazer para minha família e para os vizinhos. Depois comecei a

produzir máscaras para vender, aqui de casa, com a loja ainda fechada. Com o novo decreto que permitia a abertura de estabelecimentos que vendiam produtos de proteção ao covid, fui na secretaria da vigilância e consegui um alvará para reabrir a loja e só vender máscaras. O movimento caiu muito, e tive que demitir essa pessoa que estava comigo e comentei antes. Então para mim foi muito difícil, tive que voltar a assumir tudo, produzir, vender e fomos retomando aos poucos. Nesse meio tempo, estava com uma ideia de montar outra marca também, uma produção de vestidos em chita estonada, uma marca que leva meu nome. Lancei essa marca no meio da pandemia, já estava com tudo organizado e precisava vender. Estou numa cidade turística, que não estava recebendo turistas.

Sempre tive também uma resistência a vendas à distância. Eu convencia as pessoas a vir até Goiás e experimentar a rouba, acabava vendendo a cidade junto. Com a pandemia, a cidade não pode mais receber, tive que me adequar. Comecei a fazer vendas através de chamada de vídeo, a cliente me passa as medidas e eu meço com a fita métrica, preciso que minha cliente fique satisfeita. Ao atender o cliente assim, não fica aquele contato só de digitar, eu vejo o cliente, mostro a loja e você acaba tendo uma relação mais próxima. Retomamos nessa proposta e agora está bom, as clientes fiéis estão nos salvando. Tive que trabalhar melhor as redes sociais, fotografamos todas as peças e a nossa vitrine são as redes. A vida está seguindo dessa maneira e

estou trabalhando muito. Nunca trabalhei tanto, porque tive que assumir muitos compromissos, estar na linha de frente.

Agora os turistas estão voltando e a cidade está recebendo aos poucos. Estamos com medo dessa segunda onda, mas dizem que a gente não passou nem da primeira. Mas estou seguindo, retomei o projeto na cadeia, que estava fazendo uma falta enorme, nem tanto pela produção, mas pelo convívio mesmo, é uma relação que me faz bem, me sinto bem lá, gosto da energia, da maneira que me recebem, o respeito de toda a equipe a seriedade que eles dão ao projeto. Está sendo legal, permanecer no mercado também, a gente vê muitos casos de lojas que fecharam, disso não posso reclamar porque estou trabalhando muito e tendo retorno.

Sobre a pergunta do governo, saiu o auxílio emergencial para MEI, eu estou dentro do MEI e minha loja ficou fechada por 40 dias. Eu pedi e consegui o auxílio, estou sendo beneficiada. Para mim foi bom, não posso dizer que foi ruim, porque afinal foi um apoio que a gente teve. Agora teve também a lei Aldir Blanc, que deu recurso para o município, para apoiar projetos aqui. Eu entrei para concorrer a um prêmio, no valor de dois mil reais. Minha proposta foi fazer uma exposição virtual, contanto os 12 anos do projeto Cabocla. Resolvi fazer um filme. Eu falo que ganhei dois mil, mas vou gastar três. Porque resolvemos fazer um filme mesmo, maravilhoso, vamos ouvir o pessoal da cadeia, o diretor, o

presidiário, vamos ouvir todas essas pessoas que estão no projeto, o promotor, um psicólogo, para falar da importância do trabalho lá dentro. Começamos a gravar na semana que vem, porque precisamos entregar esse material dia 20. Esse filme será postado no site da prefeitura, mas será nosso, depois vou compartilhar quando ficar pronto. Esse apoio veio através da lei Aldir Blanc. É um valor que não dá para fazer um filme, mas outro dia eu estava falando com uma amiga minha que “de um limão se faz uma limonada”, e ela me disse “não, você está fazendo um mousse”.

Então eu aproveitei, é importante compilar esses 12 anos de história, e veio desse incentivo. Se não fosse essa grana, talvez eu não faria no momento, porque não teria como dar esse pontapé para começar. Então eu acho que falta muito, eu acho que nesse auxílio, é uma crítica que eu faço, talvez eu não merecia receber, porque para muitas pessoas que precisavam, não chegou. Eu acho que o critério foi meio errado, eu vejo muitas pessoas que não tinham necessidade nenhuma, mas que receberam. Acho que talvez a maioria das pessoas que precisavam... a gente sabe que não está fácil, tem muita gente por aí passando por situações muito complicadas, e que não teve acesso. Talvez por falta de informação. Eu mesma, tive que inscrever duas vezes para conseguir. Não é porque foi fácil, mas porque tive acesso à informação, como iria contemplar o MEI, poderia ser beneficiada pela minha empresa. Mas acho que está muito a

desejar, falta muito apoio ainda, alguns são privilegiados, eu me coloco nessa situação, consegui fazer isso e depois peguei o gancho da lei Aldir Blanc, que talvez algumas pessoas não tenham nem proposta. Então acaba que quem está na linha de frente, em um estágio avançado, acaba colhendo. Eu não posso nivelar por mim e falar que o governo é maravilhoso. Eu consegui pelos meus meios, porque consigo justificar.

Quando apresentei a proposta do filme do cabocla, eles não vão querer me dar o incentivo? Se fomos falar em termos de valor para fazer a produção, não é nada, é ridículo, mas achei um amigo que ama arte e que topou fazer comigo. Eu só fiz um repasse, o dinheiro entrou na minha conta e já saiu. Todos os extras, deslocamento, alimentação, eu vou ter que bancar. Mas acho que tem muita gente sofrendo por aí e não está fácil. Vai ser muito difícil retomar. Minha vantagem foi que eu já tinha clientes fiéis, se não tivesse com uma marca conhecida, não sei como estaria hoje. Estou me virando nessa pandemia de uma maneira surpreendente, achei que seria pior, mas também me adequando, correndo atrás, me reinventando. Tive que mudar até a questão de como enviar o produto, hoje tenho a minha caixa padrão, com logo, mando um bilhete, todos os cuidados que precisam ser feitos. Não é vender por vender, temos que respeitar o cliente. Fazemos tudo com muito cuidado e responsabilidade. O meu caso está sendo um caso muito específico, mas também estou fazendo minha parte. Recebi esses

apoios que para mim não faria tanta diferença, e me julguei até. Mas não acho que está fácil. Aqui mesmo, temos casos de artesãos que fecharam as portas e que não vão conseguir retomar, 2021 ser um ano ainda difícil.

Fundação Podemos: Bom, vocês do cabocla também fazem projetos culturais relacionados a artesanato junto à populações marginalizadas em geral, certo? Populações periféricas, quilombolas, etc. Você poderia explicar um pouco mais sobre como isso funciona? Para você, falta estímulo e também estrutura para o acesso à cultura para essas pessoas? Como você enxerga isso em relação à integração, mobilidade, acesso e fomento às práticas culturais para essas pessoas que não estão no centro?

Hoje a gente desenvolve uma capacitação em bordado, com o desenvolvimento da iconografia local. Nós tivemos duas oportunidades com quilombolas. Nessa experiência, vamos para o quilombo e nos conhecemos, conhecemos a realidade, a identidade deles, é muito conversa até a gente conseguir entender o que é importante para eles como referência. Como eles se sentem representados.

Tenho uma parceria com um amigo design em que trabalhamos a iconografia. Não faço os desenhos. Os desenhos são discutidos com elas, pela iconografia local. Aí entra a minha parte, que é o

desenvolvimento do produto com a iconografia, através do bordado. É uma experiência que eu gosto de fazer no mínimo em uma semana. Deixamos a coisa funcionando, até precificação, embalagem, orientamos. É um projeto que ocorre quando somos contratados pela prefeitura.

Temos um projeto também, que é minha paixão, mas está suspenso em razão da pandemia. É um projeto em que trabalhamos a música, a percussão com pessoas especiais. Tenho um afiliado com síndrome de down, começamos o projeto pensando nele, acontece há 6-7 anos. Paramos um tempo e retomamos ano passado, mas infelizmente com a pandemia não conseguimos dar continuidade. Chama Grupo de Percussão Arte e Cultura Rosário de Cajá. Íamos começar a trabalhar com eles a questão do bordado também, eles amam arte, música, bordar, mas infelizmente suspendemos com a pandemia. É um projeto muito bacana que atende a um outro público, também tenho um olhar para essa causa, pois são pessoas que precisam ser inseridas.

As pessoas que não estão no centro... Assim, em Goiás, eu ainda entendo que somos uma cidade que respira cultura, temos o festival de cinema e vídeo de cultura ambiental, então vou falar da minha realidade. Temos três universidades fortes, a Universidade Estadual, a Federal e o Instituto Federal que hoje tem curso de cinema, artes visuais... Isso acaba dando uma movimentada na cidade. Então a cidade

de Goiás é uma cidade em que a cultura existe em vários lugares. Eu acho que às vezes as pessoas têm um pouco de resistência de chegar. Eu ando mudando a questão do vitimismo, acho que a gente precisa aprender também a se colocar, se apropriar dos espaços. As pessoas que têm interesse e que se colocam, chegam. Não saberia te dizer essa questão de se a cultura existe, se o governo oferece ou se as pessoas não procuram.

Fundação Podemos: Falamos até aqui bastante sobre o impacto cultural e social do cabocla. A marca também é de destaque em relação à responsabilidade ambiental, certo? Você poderia comentar um pouco mais sobre isso? Como funciona a base de produção de vocês, as matérias primas, o descarte dos resíduos, etc? Há estímulos para negócios sustentáveis atualmente? E ligando aqui novamente com panorama político, como você avalia o discurso ambiental atual?

Como eu te falei, quando comecei, acho que foi muito por instinto. Sempre gostei de algodão, porque era uma fibra natural. Foi engraçado porque há dois anos atrás fui fazer uma especialização em moda e economia criativa. Quando cheguei na sala de aula, a maioria da turma eram pessoas formadas em moda e que não exerciam. Eu era uma pessoa formada em Gestão Pública e fazia moda. Meus colegas me falavam que eu seria a última a apresentar, porque quando eu falava, ninguém queria mais falar.

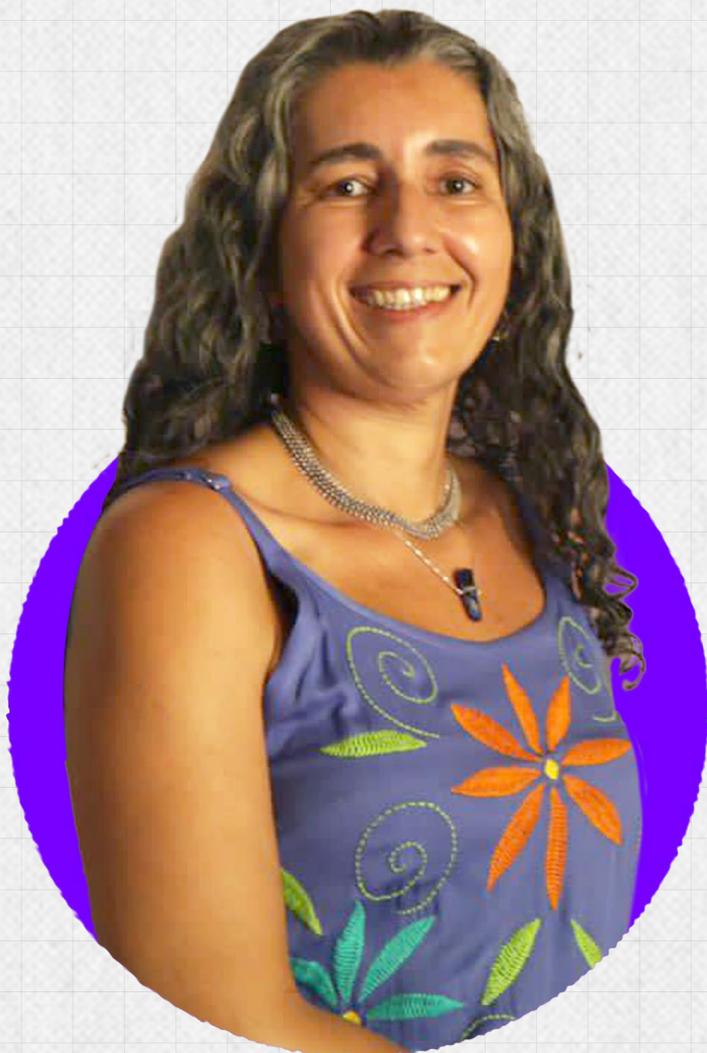
Eu identifiquei nesse curso que estava fazendo a coisa certa. Hoje existe esse discurso de sustentabilidade, do ciclo do produto, de não poluir o meio ambiente, mas eu comecei assim sem saber. Não tinha o conhecimento em moda, não me formei nisso. Sempre gostei do algodão porque era um tecido natural, confortável, que respira. Nem tinha, a princípio, essa preocupação com o meio ambiente. Esse discurso começou muito agora. Não tenho vergonha de dizer, não tinha o conhecimento, fiz porque gostava. Aí eu fui entendendo que realmente eu estava nessa linha certa, mas era muito por instinto.

Na pós eu fui entender todo o ciclo do produto, a questão do descarte, nós nunca tivemos descarte, porque faço desde roupa de cama até bolsas pequenas. Aproveitamos toda nossa matéria prima. A linha que usamos no bordado, é toda em algodão. Aí que fui entender o que era “slow”, e era o que eu fazia, uma produção pequena, porque hoje não vamos incentivar o consumo. Faço vestidos que duram dez anos, a pessoa vai ter ele por muito tempo, não precisa comprar um novo. A gente puxa para esse consumo mais consciente, que é saber realmente o que você está comprando, você entender o seu produto e valorizar. Para mim, tudo foi acontecendo no caminho certo, na pós eu fui entender. Quando entra o trabalho social, você envolver outras pessoas na sua produção, mudar a realidade de outras pessoas através disso, foi incrível. O meu professor dizia que eu atendia a todos os requisitos de uma marca de sucesso hoje, preocupação ambiental, moda autoral e contribuindo com o social.

Tenho todo o cuidado com isso, comecei a fazer peças em viscose, mas a minha viscose é a melhor. É realmente você ter esse respeito com o cliente também, de vender algo seguro, e não ter reclamações. Nunca tive devolução de uma peça pelo correio, tenho todos os cuidados com medidas para que o cliente fique satisfeito. Não temos desperdício, estou no movimento Sou de Algodão, para chamar a atenção das pessoas para valorizar a fibra. Em uma aula da pós também, fiquei assustada e só confirmou a resistência que tenho com tecidos de poliéster. Colocamos fogo em tecidos, na aula. O algodão, pega fogo mas fica umas cinzas. O poliéster pega muito fogo, se você ficar segurando, se queima. E se um cliente sofre um acidente de queimadura com esse tecido no corpo? Eu sou super chata com a questão do poliéster, meu fornecedor já sabe, sou proibida de comprar tecido com plástico, de poliéster. Temos essa preocupação, queremos que as pessoas se sintam confortáveis, e se a pessoa sofrer algum acidente, a roupa vai “apagar”, não vai ficar queimando.

É essa a preocupação, na embalagem não usamos nada de plástico. Usamos papel seda e pardo, tudo o que é biodegradável. Temos essa preocupação com a sustentabilidade e que vai até o social, que é estar compartilhando com essas pessoas esse ensinamento, e principalmente dentro da cadeia, é o que eu falei, proporcionar uma melhor estadia ali, enquanto cumprem a pena, pelo menos tornar mais leve com o trabalho, fazer eles se sentirem úteis.

Biografia



Milena Curado – “Cabocla Criações”

Empreendedora social e artista, tem um comércio de roupas bordadas à mão através do qual desenvolve um trabalho social a mais de 13 anos dentro da penitenciária da Cidade de Goiás com os detentos, através do resgate da arte do bordado, o que gera para esses indivíduos, capacitação de um ofício, uma fonte de renda e um labor de caráter terapêutico.



fundação podemos
política para todos

